

MEMÓRIA E MASSACRE DA GUERRILHA DO ARAGUAIA: UMA LEITURA DE “TREVAS NO PARAÍSO”, DE LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Elizabeth da S. Mendonça (IBILCE/UNESP)

RESUMO: No conto “Trevas no Paraíso”, do livro *Trevas no paraíso – Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo*, de Luiz Fernando Emediato, o contexto de repressão à Guerrilha do Araguaia é construído pelo olhar de um narrador que segue com seu pai, um militante político, numa viagem desde o interior de Minas Gerais até o coração da Guerrilha na floresta Amazônica. Nessa jornada, o menino depara-se com fragmentos de uma realidade social e histórica que vê e não compreende bem, pois desconhece o real objetivo da viagem como também a própria identidade do pai. O olhar do personagem e as outras vozes que aparecem no conto, quase sempre em discurso direto, abrem a possibilidade de dizer pela ficção, em inúmeras vezes simulando a estrutura de depoimentos, o que foi encoberto nas narrativas oficiais sobre a respeito da Guerrilha. O recurso da viagem e as histórias que surgem através dessa estratégia narrativa estruturam o conto. “Trevas no Paraíso” torna-se a reconstrução, tanto como depoimento quanto memória, de uma história individual, subjetiva, que captura o real, através da citação do contexto histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Fernando Emediato; memória; Guerrilha do Araguaia; ditadura militar.

Se os acontecimentos de Canudos foram narrados por Euclides da Cunha no célebre *Os Sertões*, pouca coisa se produziu na literatura brasileira sobre a Guerrilha do Araguaia. Este fato catastrófico, incrustado como uma ferida aberta na história da época da ditadura civil-militar brasileira, mantém-se um tanto quanto oculto, como se a imensidão da floresta Amazônica pudesse, por ela mesma, encobrir, com sua vegetação, toda a história de um massacre de militantes políticos efetuado pelo exército brasileiro. A extrema violência com que a Guerrilha foi dizimada torna o fato “em simultâneo, o mais espectral e, por paradoxo, se diria, o mais contemporâneo dos seus silêncios, das suas narrativas lacunosas e dispersas” (VECCHI, 2014, p. 133). A desproporção entre as forças do exército e os combatentes da Guerrilha também se constituiu em um paradoxo, pois, segundo Gaspari (2002, p. 193), “os quadros do PC do B dividiram-se por três áreas, numa extensão de 130 quilômetros. [...] Até o primeiro semestre de 1972

eles foram 59 homens e catorze mulheres”. O projeto utópico de mobilização do campo, num levante contra a ditadura imposta no país, levou para uma área remota do Brasil, compreendida entre os estados de Goiás (atual Tocantins), do Pará e Maranhão, região conhecida como Bico do Papagaio, inúmeros jovens, na sua maioria de classe média, mobilizados pelo PC do B. Durante os combates entre a Guerrilha e as forças repressivas, a acentuação da diferença bélica e numérica entre os dois lados leva-nos a compreender a dimensão do massacre, pois a ditadura

rotativamente, mobilizara 3.200 militares das três Forças Armadas. Em agosto essa força somara 1.500 soldados. Tomada pelo conjunto, fora a maior movimentação de tropas desde a formação da FEB. Maior, de longe, que a do levante de 1964. Maior também que três das quatro expedições mandadas a Canudos (GASPARI, 2002, p. 193).

O imperativo da violência extrema predominou nesta região do Brasil. Através da simbólica bota dos generais, foram massacrados vários jovens que pegaram em armas numa tentativa de unir o campo e a cidade para enfrentar a ditadura. Novamente, ressaltamos a desproporcionalidade da operação que recaiu sobre a Guerrilha, numa evidência do estado de terror com que a ditadura tratava os que ousavam contestá-la. É importante mencionar também a tentativa de apagamento total desses crimes, pois os militares “tinham ordens para não manter prisioneiros e prisioneiros não mantiveram” (GASPARI, 2002, p. 193).

Não é sem motivos que, em decorrência do extermínio dos guerrilheiros, pouco se sabe sobre o massacre, ao contrário dos militantes das guerrilhas urbanas que se puseram a relatar as memórias das torturas e dos assassinatos ocorridos nos porões da ditadura brasileira. Seligman-Silva (2008, p. 75) observa: “o genocida sempre visa a total eliminação do grupo inimigo para impedir as narrativas do terror e qualquer possibilidade de vingança. Os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime”. Construindo o próprio discurso sobre o que foi a Guerrilha, o estado brasileiro autoritário escrevia a história oficial, portanto, a ferida aberta, produzida pela ditadura militar, estava longe de se cicatrizar. Tal massacre deve ser pensado a partir do medo desse mesmo estado de que a “fúria louca”, as massas incontroláveis, conforme comenta Arendt (2011), no combate da violência pela violência, contagiasse as cidades através do campo e derrubasse à força o regime autoritário, apesar de, “nas matas perdidas do Araguaia, o PC do B tornara-se a única — e derradeira — organização política brasileira a ir buscar na ‘violência das massas’ a energia vital de seu projeto comunista” (GASPARI, 2002, p. 195). Um regime autoritário sustenta-se, através de

uma linha tênue, impondo o medo e o terror (cf. SPINDEL, 1981) e a mínima possibilidade de ver a sua dominação ser contestada, conforme o caso do Araguaia, age de forma brutal.

Inúmeros são os escritores brasileiros que, durante e após a revogação do AI-5, tematizaram, na literatura, as histórias de barbárie produzidas pela repressão militar no país. No entanto, a maioria dessas narrativas não faz menção direta à Guerrilha do Araguaia. A exceção que encontramos, em que o tema percorre toda a narrativa, é o conto “Trevas no Paraíso”, do livro *Trevas no paraíso – Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo*, de Luiz Fernando Emediato. Nessa obra, todo o contexto da repressão à Guerrilha do Araguaia é construído pelo olhar de um narrador que segue, com seu pai, um militante político, numa viagem desde o interior de Minas Gerais até o coração da Guerrilha na floresta Amazônica. Nessa jornada, o menino depara-se com fragmentos de uma realidade social e histórica que vê e não compreende bem, pois desconhece o real objetivo da viagem como também a própria identidade do pai.

O leitor entrevê, através do olhar do narrador, fragmentos da história não oficial do país na época. Esse “unreliable narrator”, de acordo com conceito de Booth (1980), traduzido como “narrador infiel” por Carvalho (2005, p. 28), “se encontra perceptivelmente enganado a respeito de si próprio ou de algum acontecimento”. O menino, por não saber o que está acontecendo, interpreta as reações do pai diante dos fatos, ficando angustiado por suas ações silenciosas, vistas através de seus gestos, conforme mostra o trecho: “Então ele se aproximou e pediu os documentos de meu pai. Ele mostrou seus papéis e o soldado olhou para o rosto dele como se desconfiasse de alguma coisa. Nosso pai sorriu, mas eu sabia, como sabia, que aquele sorriso não era dele” (EMEDIATO, 2004, p. 122)¹. Seus olhos são refletores, conforme Booth (1980), pois vão focando a realidade, ao mesmo tempo em que filtram as reações do pai, dando ao leitor uma interpretação de segunda mão, uma vez que o pai é o único que está de posse da verdade sobre a viagem.

Nesse percurso, o menino narra, de forma realista, tudo o que vê desde a saída do interior de Minas Gerais até a chegada à capital mineira. O painel social de um país dividido entre a pobreza das áreas periféricas das metrópoles e a modernização urbana empreendida no Brasil marca o contraste captado pelos olhos do menino que sabe que o mundo é, além de grande, desigual, portanto, desumano, o que lhe causa estranheza. A

¹ Passaremos, a partir deste trecho, a indicar apenas o número da página do livro em todas as citações referentes ao conto.

relação entre pai e filho, desde a saída da pequena cidade até a metrópole, é invadida por elementos exteriores, assim como a narrativa também sofre uma invasão de acontecimentos históricos em sua estrutura.

A tomada de posição de Luiz Fernando Emediato em produzir um conto que vai tematizar o contexto da Guerrilha pode ser interpretada como uma narrativa que

é contemporânea de uma ficção que se cansa de fingir-se neutra e resolve também assumir o relativo e o subjetivo do contar. Uma ficção que, por isso mesmo, inventa ou retoma ao passado (é o caso da volta à moda do onisciente neutro no século XX) técnicas não ilusionistas para dar lugar às múltiplas leituras do real a produzir-reproduzir pelo discurso ficcional (CHIAPPINI, 2002, p.86).

O recurso da viagem até o coração da Guerrilha na Amazônia e a narração como a memória deste acontecimento, em que o menino relembra, quase como um depoimento realista, tudo o que viu e ouviu, toma conta de partes do conto. O discurso direto impera, quando surgem personagens envolvidos na trama, pois só assim é possível contar, de forma realista, sem interferência, e levar o leitor a refletir, através da ficção, fatos sobre a história obscura do período da ditadura militar.

Quando o menino narra, ele retoma o passado e seus olhos vão captando fragmentos do real que, reorganizados, mostram um mosaico que vai desde a violência contra os guerrilheiros, empreendida pelas forças militares, às consequências do projeto de construção da Transamazônica pela ditadura. As recriações dos acontecimentos históricos impulsionam a narrativa, procurando estabelecer uma ordem cronológica dos mesmos que está refletida no próprio contar do menino, pois ele ordena os fatos da viagem obedecendo a uma cronologia. Não há, portanto, a preocupação com a fragmentação da memória.

Uma parcela da literatura brasileira produzida sobre esse período nebuloso e violento da história do país, tematizando-o, foi criticada por se prender a uma representação realista que não observava as questões estéticas, conforme Sússekind (2004). Entretanto, como coloca Pellegrini (1996), esta foi uma das únicas formas encontradas para dar conta do assunto.

São interessantes, neste momento, as considerações de Vecchi (2014, p. 138):

A deslocação, a repetição das narrativas [...] tem como consequência revelar a representação do massacre, embora isso implique os riscos de distorcer os fatos – portanto impedir a sua historicização, a sua citabilidade como história encerrada – pela superposição de filtros, de

véus, de mediações. Funcionaria assim como uma espécie de restituição só e parcialmente simbólica, mas que, pelo mecanismo da citabilidade, da re-citação, vai formar uma trama precária mas que debilmente proporciona representação de fatos que de outro modo ficariam indizíveis.

No caso do conto de Emediato, trata-se de uma literatura que cumpre a função de representar, através da memória da viagem do menino, acontecimentos que não figuram nas histórias oficiais sobre a Guerrilha. O olhar refletor do personagem e as outras vozes que aparecem no conto, quase sempre em discursos diretos, abrem a possibilidade de dizer, pela ficção, inúmeras vezes simulando a estrutura de depoimentos, incrustados num conto que lembra um documentário feito com um sobrevivente dos acontecimentos do Araguaia, o que foi encoberto nas narrativas oficiais. Para tanto, o recurso da viagem e as histórias que surgem nessa estratégia narrativa serão dois itens dos quais passaremos a nos ocupar.

Uma viagem sem volta

O conto irrompe do nada com a seguinte afirmativa: “E então um dia ele voltou” (p. 115). Depreende-se que o pai não vivia com a família, pois passara “tanto tempo longe de casa, tanto tempo escondido” (p. 115). O prenúncio de que algo não está em equilíbrio é a ausência/fuga do personagem que não divide com a família a sua vida clandestina ligada à luta armada. Sempre em movimento, o homem, que esconde segredos, inicia uma nova viagem, levando consigo o filho. Este, o narrador, acredita plenamente nos planos do pai que “ia andar pelo Norte, em busca de terras tão amplas quanto o tamanho de seus sonhos. Um lugar distante e escondido, onde não fossem procurá-lo, onde fosse possível erguer o novo mundo pelo qual tanto lutava” (p. 116). A utopia dele contagia o menino, mas, logo no início da jornada, a presença de um revólver, visto na cintura do pai, mostra-lhe que há algo em desacordo: “Meu coração estava apertado de dúvidas e temores” (p. 116). A presença da arma é o primeiro sinal de estranhamento do filho em relação ao pai, mas ele não questiona, apenas vê e segue, pois se trata de uma aventura, conforme o trecho: “Descemos para a estação, a pé. Olhei, maravilhado, para todos aqueles vagões em fila, carregando bois, cavalos, sacos, caixas enormes” (p. 117). Nesse início, as relações afetivas predominam, substituindo o temor do filho, que é muito mais relacionado à saída de casa, de sua pequena cidade interiorana, do que ao conhecimento sobre os reais objetivos do pai.

É importante ressaltar, nesse momento, que a escolha dos personagens diverge daquela efetuada pelo PC do B, que conforme Moraes e Silva (2012), buscava entre os jovens universitários, especialmente líderes estudantis, militantes para a guerrilha. O pai do narrador é um homem inserido em uma estrutura familiar, com sonhos de prosperidade, um idealista, não um líder estudantil. Ao dar essa identidade para o personagem, a narrativa chama a atenção, valendo da utopia, para o fato de que um pai de família, um dentre tantos, não se alienou na faina diária do trabalho mal remunerado. É interessante frisar que as cenas que representam a miséria urbana são muito presentes no início da narrativa e vão se estender para o interior, a região da guerrilha, conforme o conto vai avançando, o que ressalta o engano do milagre econômico presente no discurso do regime. Nesse ponto, a narrativa apresenta traços irônicos, pois a escolha da figura paterna parece uma crítica ao discurso religioso subscrito pelo político que pregava contra a esquerda brasileira, os ditos comunistas, os arautos da destruição da organização familiar.

O narrador nos conta a história de forma linear, conforme a viagem do trem, que vai do interior mineiro para a capital, e vemos, através dos seus olhos, que, na cidade grande, há um estado policialesco que afeta o pai, mas que o menino não sabe bem do que se trata, de acordo com o excerto: “o homem então mandou meu pai levantar e pediu os documentos. Fiquei gelado, mas meu pai tirou os papéis do bolso, entregou e ficou esperando” (p. 121). A desconfiança é, portanto, uma das maneiras de o autoritarismo prevalecer, pois “diz o princípio da segurança nacional que cada cidadão é potencialmente um ameaçador da paz” (MARCONDES FILHO, 1987, p. 54). O olhar do menino nos mostra que a tensão é permanente, que o clima de terror impõe-se à sociedade.

Encobrimo a verdade, a ditadura militar instalou no país um estado de vigilância. A procura dos militantes políticos, no conto, remete-nos ao *western hollywoodiano* com suas estórias de bandidos de alta periculosidade que atentam contra a propriedade e as famílias. É interessante notar que o medo espalha-se de forma generalizada, a ponto de os que circulam pela rodoviária não pararem para ver os cartazes. Apenas o menino, em sua ingenuidade, os observa.

A perspectiva infantil capta, além da tensão policialesca, os flagrantes da miséria que invadem a narrativa. Lado a lado com os cartazes dos ditos terroristas, a figura de um paraplégico é vista pelo narrador em um ambiente em que, como o país, as pessoas estão com “pressa e indiferença”, isto é, alienadas, não foram abençoadas pelo “milagre

econômico” do regime e desconhecem o objetivo das ações armadas dos militantes políticos. Assim, o conto parece abrir uma interrogação sobre quem seriam os terroristas de fato, pois a ignorância da miséria é uma espécie de terror que paralisa a vida.

Prosseguindo em viagem, o narrador conta-nos que de Belo Horizonte vão para Brasília. Na capital do país, é interessante o seguinte trecho:

Paramos numa banca de jornal e meu pai ficou um tempão olhando a fotografia de uma estrada no meio do mato, na primeira página do jornal pendurado num fio. A notícia dizia que o presidente Médici tinha ido visitar as obras da Transamazônica² (p. 123).

Nota-se que os jornais, vigiados pela censura e, muitas vezes, em conluio com o regime, operam fazendo uma espécie de propaganda do progresso efetuado pelo governo golpista, que pode ser ilustrada pela divulgação do fato de que “a floresta tropical ganhara uma das joias da Coroa do ‘Brasil Grande’. Era a rodovia Transamazônica, cuja abertura fora decidida por Médici nos primeiros meses de seu governo” (GASPARI, 2002, p. 196). O discurso do desenvolvimento, ligado ao da técnica, da maquinaria, dos projetos de modernização do país, teve, portanto, na Transamazônica, uma espécie de cartão postal. Mas o conto representa ironicamente a realidade encoberta pela propaganda. Conforme observa o narrador “era uma estrada cheia de poeira e buracos. Havia uma placa enorme, informando que aquilo era uma rodovia pioneira em selva” (p. 123). A citação do contexto histórico é recuperada pelo conto, pois o letreiro: “Dirija com cuidado/Estrada pioneira/Em selva” (MORAES; SILVA, 2012, p. 189), figurava no início da Transamazônica. Assim, a *rodovia* marca a discrepância entre o que o narrador observa e o que diz a placa.

A intenção do pai em chegar até a Guerrilha, através desse caminho, é interrompida, pois “debaixo da enorme placa verde do Ministério dos Transportes, informando que ali começava a Transamazônica, havia jipes militares e homens armados de metralhadoras” (p. 124). A contragosto, pai e filho ficam numa pequena cidade. Nesse local, é interessante ressaltar o lugar de enunciação do menino que vê e ouve os acontecimentos históricos, mas, ainda assim, os ignora. O narrador nos conta as reações do pai e narra o que ele, enquanto menino, viveu no passado, agora

² De acordo com Moraes e Silva (2012, p. 25): “em 10 de outubro de 1970, no município paraense de Altamira, o Brasil sacrificou a primeira árvore, de 50 metros, em prol da integração norte-sul. Ao lado dela, uma placa de bronze, incrustada no tronco de uma castanheira, dizia: *Nestas margens do Xingu, em plena selva amazônica, o Sr. Presidente da República dá início à construção da Transamazônica, numa arrancada histórica para a conquista deste gigantesco mundo verde.*”

compreendido no presente da enunciação. Em sua narrativa, não escapam as observações sobre as reações do pai ao que ocorre naquela cidade em que têm de ficar por um tempo.

Um desses acontecimentos se dá com a inclusão de personagens históricos que participaram da guerrilha, como também de militares que nela combateram, de acordo com o trecho, que, apesar de longo, vale a pena citar:

Procuramos uma hospedaria e havia homens e mulheres assustados na entrada. Um velho sem dentes tremia junto a um fogão, assando mandiocas na brasa. Uma velha chorava muito. Meu pai perguntou se havia um quarto para nós e o rapaz de rosto fino pediu que o acompanhássemos. Meu pai perguntou cautelosamente o que estava acontecendo e o rapaz olhou para ele hesitante:

- O senhor também é da polícia?

- Não. [...]

- Quem eles estão procurando?

- Já acharam. São os homens da mata. O Exército diz que são terroristas. Mataram dois ontem, um rapaz e uma moça. Trouxeram as cabeças. Vieram de helicóptero. Agora estão procurando os outros. Um deles é médico. O doutor Paulo, morava aqui, chegou faz uns quatro anos. Foi ele quem construiu o hospital. Quem podia imaginar? Agora vão matar ele.

- Por que a velha está chorando?

- O filho dela fugiu com o médico. Vai morrer também.

- Não podem prender o homem vivo?

- Tá brincando? A ordem é fuzilar todo mundo. Estão pagando bem por informações, se algum mateiro trazer a cabeça do médico o prêmio dá pra ficar rico. O major Curió³ avisou, tá todo mundo procurando os homens da mata. Mas não é fácil não (p. 125).

Novamente, observa-se o mesmo estado de desconfiança e de vigilância da cidade grande que também se instala em locais interioranos. O narrador, nesse momento, abre mão de contar e nos deixa, em discurso direto, com a voz do pai e do rapaz da hospedaria. O personagem que responde às perguntas funciona como uma testemunha direta dos fatos que estão ocorrendo no local. O que ele nos conta não é mediado pelo narrador menino, pois só pela voz de quem viu, operando como um depoimento incrustado no tecido ficcional, é possível compreender a barbárie que se desenrola na região.

Os guerrilheiros, chamados de paulistas, contaram com algum apoio da população local. Sobre isso, Zonta afirma:

Embora os membros da guerrilha fossem caçados como animais e disseminados como terroristas de alta periculosidade, muitos indígenas e camponeses da região só tiveram acessos a orientações de

³ Trata-se do capitão Sebastião Rodrigues de Moura. Segundo Moraes e Silva (2012, p. 505): “desconhecido no Araguaia pelo nome verdadeiro, o adjunto do coordenador – que usava o codinome de major Luchino e se tornou famoso como Major Curió, depois prefeito de Serra Pelada e deputado federal”.

saúde e atendimento médico depois que os guerrilheiros chegaram e iniciaram determinados procedimentos (ZONTA, 2014, s/p).

Nessa região de infraestrutura precária, os membros da guerrilha estabeleceram conexão com os moradores e, fazendo uso do saber científico, conseguiram apoio e simpatia da população, como pôde ser visto no excerto do conto anteriormente citado, que relata a fuga de um morador local com um médico.

Novamente a miséria aparece como elemento do conto, denunciando o discurso do progresso. A figura histórica do médico se torna um elemento importante para que o leitor compreenda a discrepância entre o que o regime militar anunciava e o que a realidade dizia, pois “a presença dos guerrilheiros na Amazônia fez a ditadura olhar para a região abandonada. O governo militar construiu estradas e realizou Ações Cívicas-Sociais esporádicas e ineficientes. O povo continuou abandonado” (MORAES; SILVA, 2012, p. 14). O regime usou as mesmas táticas dos guerrilheiros, ou seja, trazer melhorias sociais para a população miserável como tratamento médico e escolas, objetivando conseguir adesão e simpatia. Mas comparando o tamanho do Estado em relação a um grupo de ativistas sociais, observa-se o desinteresse criminoso por parte dos governantes, cuja estrada simbólica, a Transamazônica, servia para os acessos militares bem mais do que para o povo. Assim, uma população que vivia sob tortura constante, posto que a miséria seja uma forma de tortura, passou a ser duplamente martirizada, ou seja, pela ações do estado de terror do regime militar e pelas condições precárias de vida.

Tratando o fato histórico em forma de depoimento do morador, a narrativa representa o oculto pela história oficial e funciona, como observou Vecchi (2014), tentando restituir simbolicamente, através da citação, do depoimento proporcionado pelo discurso direto, fatos que não tiveram chance, na época, de serem mencionados.

Chama a atenção também, no excerto do conto, a aparição do nome do Major Curió, um dos militares envolvidos no extermínio dos guerrilheiros, e os métodos de oferecer benefícios financeiros aos moradores locais, transformando-os em delatores e assassinos dos militantes do PC do B. Próximo à tão exaltada estrada Transamazônica, símbolo do discurso desenvolvimentista, “pelo lado das forças da ditadura, os militares que se apresentavam ao país como um fator de civilização e progresso, encarnaram os valores e os métodos das volantes de caçadores de quilombolas e de cangaceiros” (GASPARI, 2002, p. 216).

A referência a essa figura histórica, a única nomeada entre os militares que se

encontravam no local, não é gratuita, pois

na fase de extermínio, Luchini cuidou da execução das operações. Participou de muitas ações na mata. Ambicioso, gostava de impressionar subordinados e superiores com demonstrações de valentia contra subversivos. Mostrava-se implacável. Tinha prazer em falar da morte dos guerrilheiros e cobrava de todos o mesmo comportamento (MORAES; SILVA, 2012, p. 460).

A recuperação histórica do nome do militar, espécie de jagunço Hermógenes, de Guimarães Rosa, personagem nascido “tigre e assassim”, desvela o discurso do regime e põe a nu a violência extrema instalada no “paraíso” do progresso, se tornando um dos pontos importantes do conto.

Ainda na pausa da viagem, novamente, o discurso direto impera para representar, dessa vez, a presença do trabalho escravo na região, segundo o trecho: “No último dia chegou um caminhão carregado de cearenses. Meu pai e eu estávamos perto da barreira quando chegaram, todos amontoados na carroceria de um caminhão, como bichos” (p. 126).

O olhar do narrador não perde de vista a animalização dos migrantes nordestinos também torturados pela miséria. Tangidos de uma região para outra, nos remetendo ao período histórico colonial do ciclo do gado, que foi fator de ocupação e povoamento do território brasileiro, os cearenses captados pela perspectiva infantil, estão como os bovinos que, na atualidade, são na sua grande maioria transportados em caminhões.

A partir desse fato, visto pelos olhos do menino, o narrador põe-se a ouvir a conversa, apresentada como um depoimento do motorista do caminhão, um tipo agressivo, com a alcunha de Golpe Errado, nome irônico que denuncia o fracasso do golpe militar, e de um sargento que fiscaliza a barreira na estrada, conforme vemos:

- O povo da mata está dando trabalho, hein, sargento? Eu, se me desse um serviço desses, passava logo essa cachorrada na metralha. Fuzilava um a um e limpava a mata dessa praga.
- E acha que tão fazendo o quê? - riu o sargento. - O major Curió está lá dentro fazendo o quê, homem de Deus? Estão dizendo aí que os páraquedistas acharam o esconderijo, tinha até rádio estrangeiro, metralhadoras, o diabo! (p. 126).

A suspensão do discurso indireto, no conto, faz com que o leitor entre em contato diretamente com a fala dos dois personagens, pois o menino, que não sabe o que está ocorrendo, não teria possibilidade de nos contar, com descrição detalhada, a violência contra os guerrilheiros capturados pelas forças armadas, uma vez que seus olhos, no momento presente do narrado, apenas veem, observam, mas não conseguem ainda assimilar os fatos. Por isso, entramos em contato direto com a cena dramática e

tanto a fala do personagem Golpe Errado quanto a do sargento funcionam como depoimentos sobre os fatos que passamos a conhecer. Assim, o indizível ganha voz e o conto registra a história de um massacre.

Nesse ponto, vale ressaltar que o momento histórico abrangido pela narrativa é o do fim da guerrilha e não o seu começo. Já para o menino é um começo no meio do fim, ou seja, o fim da guerrilha, do seu pai, do sonho deste, da imagem que ele tinha da figura paterna, da mentira, pois ele re(conhece) o enredo ocultado atrás das cenas de miséria e violência presentes no conto. O narrador já não é mais o mesmo do início, isto é, o menino da cidade pequena deslumbrado com a viagem ao lado do pai. Ele cresce, se modifica, e, o próprio contar, distanciado no tempo e no espaço, se não se valesse do discurso direto, não refletiria bem o olhar ingênuo do menino. Por isso o esforço em reconstruir cenas da viagem, por meio do discurso direto, seja a forma adequada de representar, de maneira crua e realista, a miséria e a violência que são elementos estruturadores do conto. Se houvesse a interpretação dos fatos, permitida pela temporalidade, a perspectiva seria a do adulto, o filho do guerrilheiro e não do menino ingênuo. Assim, as cenas realistas e a citação dos acontecimentos históricos não teriam a mesma força dramática que têm na narrativa.

É interessante notar, no excerto anterior do conto, que as narrativas do terror espalhadas pelo militares tinham como objetivo minar a simpatia dos moradores da região pela guerrilha, pois “a população deveria ter mais medo do Exército que dos guerrilheiros” (GASPARI, 2002, p. 208). Assim, os assassinatos brutais dos militantes transformaram-se numa espécie de cena macabra que visava impor medo às pessoas e impedir o crescimento da guerrilha. A possível peregrinação até os túmulos dos guerrilheiros, os heróis de uma batalha perdida, foi considerada, uma vez que “equipes de militares mandadas ao Araguaia abriram sepulturas, retiraram os corpos espalhados pela região e levaram-nos de helicóptero para a serra das Andorinhas, onde foram queimados em fogueiras de pneus carecas” (GASPARI, 2002, p. 215). Através do terrorismo e do apagamento de vestígios dos corpos dos mortos, a ditadura disseminava o pavor, escondendo suas ações deliberadamente, como se a floresta densa pudesse encobrir todos os crimes. A guerrilha foi exterminada da história e os cenários foram organizados de maneira a mascarar a realidade, por isso, o conto traz, em discurso direto, vozes que depõem sobre o fato.

Após a parada na pequena cidade, sitiada pelas forças armadas, a viagem prossegue e, novamente, os olhos do narrador levam o leitor para dentro de novas

trevas, no paraíso verde.

“Trevas no Paraíso” torna-se a reconstituição, tanto como depoimento quanto memória, de uma história individual, subjetiva, que captura o real, através da citação do contexto histórico. Por intermédio da ficção, os olhos do menino são emprestados ao leitor, resgatando, por meio da literatura, a história de um massacre e iluminando as trevas do paraíso verde, amarelo, branco, azul-anil da ditadura civil- militar brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOTH, Wayne. **A retórica da ficção**. Trad. Maria Tereza H. Guerreiro. Lisboa: Editora Arcádia, 1980.

CARVALHO, Alfredo Leme C. **O narrador infiel e outros estudos de teoria e crítica literária**. São José do Rio Preto: Ed. Rio-Pretense, 2005.

EMEDIATO, Luiz. Fernando. **Trevas no paraíso – Histórias de amor e guerra nos anos de chumbo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FILHO, Ciro Marcondes. **Violência política**. São Paulo: Moderna, 1987.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

LEITE, Ligia Chiappini M. Narração, ficção e História. In: _____. **O foco narrativo**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 71-86.

MORAES, Taís; SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha**. SP: Geração Editorial, 2012.

PELLEGRINI, T. **Gavetas vazias- Ficção e política nos anos 70**. Campinas/São Carlos: Mercado de Letras/Edufscar, 1996.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica**, RJ, n. 1, vol. 20, p. 65-82, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

SPINDEL, Arnaldo. **O que são ditaduras**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. Retratos e Egos. In: _____. **Literatura e vida literária – Polêmicas, diários & retratos**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004, p. 71-114.

VECCHI, Roberto. O passado subtraído da desapareição forçada: Araguaia como palimpsesto. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 43, p. 133-149, jan./jun. 2014.

ZONTA, Márcio. **Índios do Pará revelam atrocidades do exército**, reportagem para o Jornal Brasil de Fato, São Paulo [maio 2014]. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/28663>>. Acesso em: 02 ago. 2014.